

## Uma análise da Fortuna Crítica da prosopopéia de Bento Teixeira

Vitória Helena Oliveira da Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: vi.dejanira@gmail.com

Marcello Moreira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

666

**Palavras-chave:** Fortuna Crítica. Prosopopéia. Bento Teixeira.

### INTRODUÇÃO

Sabe-se que “Em todos os tempos poetas e literatos foram inclinadíssimos à bajulação dos poderosos” (Veríssimo, 1916, p. 48). Em Portugal, esses eruditos faziam parte da vida doméstica da corte ou das grandes casas nobres e ricas, recebiam aposentadoria e pensão em troca dos poemas e escritos com que invariavelmente celebravam a família a que serviam em seus sucessos domésticos. Naturalmente, esses costumes, explicáveis e talvez perdoáveis pelas condições da época, foram transferidos do Reino para sua colônia na América (Veríssimo, 1916). A *Prosopopéia* de Bento Teixeira, por exemplo, figura como um expoente de tal cenário literário, haja vista que é dedicada a Jorge de Albuquerque Coelho, terceiro donatário da capitania de Pernambuco.

Outrossim, a crítica literária no Brasil, nos séculos XIX e XX, relegava os textos oriundos da América portuguesa a uma posição subalterna, rotulando-os como uma incipiente literatura nacional (Luz, 2022), a que atribuíam uma suposta ausência de “originalidade” e uma relação de servidão com os cânones da “boa poesia” lusitana. Além de ser considerada uma das primeiras obras brasileiras, ainda que existam ressalvas quanto à sua “brasilidade” – o poema é lusitano em todos os sentidos (Veríssimo, 1916) – a *Prosopopéia* também está “Entre os exemplares poéticos mais vituperados pela fortuna crítica das letras quinhentistas, seiscentistas e setecentistas” (Luz, 2022, p. 25-26).

Alguns críticos do século XXI, no entanto, propõem uma revisitação à *Prosopopéia*, a exemplo de Chauvin (2022), que elenca motivos para a dura avaliação da obra, entre eles

Realização:



Apoio:



o julgamento com base em críticas não aprofundadas, o biografismo exacerbado e a carência de pesquisas que a considerem. Assim, discorrer sobre o poema constitui uma tarefa de difícil execução. Quase totalmente desconsiderada pela crítica portuguesa e constantemente reprochada pela brasileira, a “Prosopopeia foi convertida de obra (a ser lida) à baliza temporal imprecisa: o início do “Barroco” nas bandas de cá” (Chauvin, 2022, p. 53). Isto posto, objetiva-se, com esse trabalho, analisar a fortuna crítica da *Prosopopéia* de Bento Teixeira, apreender a qualidade poética da obra e a legitimidade da recepção.

## **METODOLOGIA**

Em termos metodológicos, esse trabalho consistiu em realizar uma pesquisa bibliográfica abrangente, com o intuito de levantar informações relevantes sobre a obra *Prosopopéia* de Bento Teixeira, bem como sobre a recepção crítica que recebeu ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Para tanto, foram consultadas diversas fontes primárias e secundárias, que proporcionaram uma visão multifacetada da trajetória crítica do poema. A análise do material teórico disponível considerou as diferentes perspectivas e abordagens em relação à produção, desde as primeiras leituras, até as interpretações contemporâneas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A *Prosopopéia* foi publicada em Lisboa, em 1601, pela imprensa de Antônio Alvarez, como um opúsculo de dezoito páginas intitulado *Prosopopéia Dirigida a Jorge Dalbuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, Nova Lusitana, etc.* (Veríssimo, 1916). O autor, Bento Teixeira, dedicou a obra a Jorge de Albuquerque Coelho. No tocante à estrutura, é composto por noventa e quatro oitavas, em verso endecassílabo, sem divisão de cantos ou numeração de estrofes, e está repleto de referências, imitações, paródias e paralelismos com a obra *Os Lusíadas*, de Camões (Veríssimo, 1916).

**Realização:**



**Apoio:**



Apesar de figurar, consoante aos críticos oitocentistas e novecentistas, como uma espécie de arremedo camoniano, o poeta propõe algumas inovações. A primeira diz respeito ao estabelecimento de um *prólogo*. Nele, Bento Teixeira antecipa a *dedicatória*, sem deixar de instituir no poema uma, como manda a tradição clássica, logo após a *invocação*. Desse modo, têm-se dois momentos de consagração ao governador da Nova Lusitânia. Valendo-se do preceito horaciano *ut pictura poesis*, a fim de comparar os procedimentos compositivos utilizados por pintores e poetas para alcançar seus objetivos (Moreira, 2008), o poeta inscreve: “eu, querendo debuxar com obstaro pincel de meu engenho a viva imagem da vida e feitos memoráveis de vossa mercê, quis primeiro fazer este rascunho” (Prosopopéia).

Ainda, evidencia-se que o autor emprega no *prólogo* o *topos* da “modéstia afetada”, não só por rogar ao encomiado que aceite suas “rimas” como as “primícias” de sua tentativa de servi-lo, mas também ao assegurar que o rascunho se transformará em pintura, desde que conte com o seu apoio (Moreira, 2008). O *topos* volta a ser usado como manobra retórica no *epílogo* do poema (Lachat, 2022), observável nos versos “Eu, que a tal espetáculo presente/Estive, quis em verso numeroso/Escrevê-lo, por ver que assim convinha/Para mais perfeição da musa minha” (Prosopopéia, XCIV), nos quais se sugere que o poema é apenas um exercício poético que necessita de aperfeiçoamento.

Contrapõe-se, então, o fingimento de modéstia no *prólogo* e no *epílogo* e a proposta de sinceridade da *invocação*, em que a *persona*, que não é a pessoa empírica (Lachat, 2022), diz: “As délficas irmãs chamar não quero,/Que tal invocação é vão estudo;/Aquele chamo só, de quem espero/A vida que se espera em fim de tudo” (Prosopopéia, II). Valendo-se disso, o poeta, além de propor uma segunda inovação, se opõe a Camões, que invoca “as Tágides em busca de inspiração” (Moreira, 2008, p. 95). Adicionalmente, a verossimilhança poética é comumente suscitada principalmente ao se examinar os últimos versos do *epílogo*, transcritos acima. O “espetáculo” que o poeta teria presenciado é o canto de Proteu, deus marinho que possui o dom da profecia e que domina a maior parte da obra – a *narração*. Assim, o poeta-*persona*, por ter presenciado o referido “espetáculo”, “pôde escrevê-lo em verso numeroso para aperfeiçoar sua musa” (Lachat, 2022, p. 103-104).

Nesse diapasão, mesmo que seja verossímil que a *persona* épica presencie o canto de Proteu, visto que a simulação está em consonância com o propósito do poema e com o

Realização:



Apoio:



*ethos* do poeta, o uso de tal figura como narradora, considerando que todos os aspectos da obra apontam “valores professados pelo cristianismo contrarreformado” (Muhana *apud* Lachat, 2022, p 105), ressoa como uma inverossimilhança. Desse modo, Proteu fragiliza o poema, pois não é produtivo recusar o auxílio das musas, mas tê-lo como expositor.

Em uma sequência de leituras que a examinam ora como cadeia de elogios exagerados ao “sublime Jorge” (Bandeira, 2009), ora como poesia medíocre (Veríssimo, 1916), a *Prosopopéia* tem sido frequentemente interpretada como “imitação pouco aprimorada d’*Os Lusíadas*” (Nascimento, 2016, p. 609). Todavia, alguns críticos da contemporaneidade têm salientado inconsistências nas análises anteriormente propostas, seja pelo escasso monitoramento e pouca atenção à estrutura do poema e ao conteúdo, bem como ao tema, estilo e recursos, seja pela tendência ao biografismo puro e simples ou devido à provável indiferença dos pesquisadores pelo exemplar (Chauvin, 2022).

Lachat (2022) corrobora esse quadro ao apontar que estudos recentes sobre a obra têm demonstrado que sua composição não pode ser simplesmente considerada como uma imitação de Camões. Pelo contrário, a *persona* épica criada para a produção rivaliza com poetas e historiadores antigos e modernos, ao exaltar as ações heroicas da família Albuquerque. Assim, a *Prosopopéia* não apenas pretende enaltecer as *res gestae*, isto é, os feitos da família, mas também busca “atestar a verossimilhança poética e a verdade histórica desses feitos grandiosos” (Lachat, 2022, p. 117).

Luz (2022), por seu turno, elaborou duas hipóteses para a circulação da obra. A primeira, que cabe mencionar aqui, sugere a possibilidade de Bento Teixeira ter escrito uma obra destinada a dois públicos diferentes, numa tentativa de driblar a censura inquisitorial com um texto codificado com mensagens que se opunham à perseguição e condenação dos judeus. Nessa interpretação, *Prosopopéia* constituiria um “atestado de inteligência e talento, um brado de resistência que atravessou os séculos” (Pereira *apud* Felipe, 2022).

Realização:



Apoio:



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se que a fortuna crítica da *Prosopopéia* de Bento Teixeira, dos últimos dois séculos, é quase unânime ao considerar que a obra carece de valor criativo, estético ou técnico, sendo mal limada e uma tentativa ínfima, de um poeta medíocre ou inexperiente, de reproduzir a grandiosidade poética de *Os Lusíadas*. Tal recepção, contudo, vem sendo revisitada nas últimas décadas. Como efeito, constata-se que o poema foi, durante muito tempo, mal apreciado. As novas análises asseveram que a *Prosopopéia* não é reles arremedo camoniano, mas uma composição enriquecedora dos feitos épicos dos encomiados, que relaciona verossimilhança poética e verdade histórica, fortalecendo-as.

670

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**: seguida de uma antologia. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- CHAUVIN, Jean Pierre. Revisão de Bento Teixeira. *In*: Felipe, Cleber Vinicius do Amaral; Chauvin, Jean Pierre (orgs.). **Ensaio sobre Prosopopeia (1601), de Bento Teixeira**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 53-78.
- FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral. O naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho: gênero decadente ou drama edificante? *In*: Felipe, Cleber Vinicius do Amaral; Chauvin, Jean Pierre (orgs.). **Ensaio sobre Prosopopeia (1601), de Bento Teixeira**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 11-24.
- LACHAT, Marcelo. Verossimilhança poética e verdade histórica em Prosopopeia, de Bento Teixeira. *In*: Felipe, Cleber Vinicius do Amaral; Chauvin, Jean Pierre (orgs.). **Ensaio sobre Prosopopeia (1601), de Bento Teixeira**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 103-120.
- LUZ, Guilherme, Amaral. O canto de Proteu ou a corte na colônia em Prosopopeia (1601), de Bento Teixeira. *In*: Felipe, Cleber Vinicius do Amaral; Chauvin, Jean Pierre (orgs.). **Ensaio sobre Prosopopeia (1601), de Bento Teixeira**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 25-52.
- MOREIRA, Marcello. Louvor e história em Prosopopéia. *In*: Teixeira, Ivan (org.). **Épicos**: Prosopopéia; O Uruguai; Caramuru; Vila Rica; A Confederação dos Tamoios; I. Juca Pirama. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado De São Paulo, 2008, p. 95-117.
- NASCIMENTO, Ana Paula Gomes do. Bento Teixeira e o legado da poesia épica: reflexões sobre um “poemeta épico” do século XVI luso-americano. **ANAIS eletrônicos do XV Encontro ABRALIC**. Rio de Janeiro, 2016, p. 609-616. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491258280.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491258280.pdf). Acesso em: 25 jun. 2024.
- VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**: De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves; Paris, França: Aillaud, 1916, p. 45-51.

Realização:



Apoio:

